

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

UM SONHO INTERROMPIDO?

As jovens que não permanecem na Vida Religiosa
- o caso da Congregação do Imaculado Coração de Maria/RS -

Dalia Löff

GOIÂNIA

2007

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

UM SONHO INTERROMPIDO?

As jovens que não permanecem na Vida Religiosa
- o caso da Congregação do Imaculado Coração de Maria/RS -

DALIA LÖFF

Orientador Prof. Dr. Hilário Dick

**Monografia apresentada ao Curso de
Pós-graduação Lato Sensu em
Adolescência e Juventude no mundo
contemporâneo como requisito para grau
de especialista.**

GOIÂNIA

2007

*“A juventude mundial está perdendo a capacidade de sonhar.
Os jovens têm muitos desejos, mas poucos sonhos.
Desejos não resistem às dificuldades da vida,
sonhos são projetos de vida,
sobrevivem ao caos.”*

(Augusto Cury)

RESUMO

- *“né... eu meio que deixei de acreditar aquele sonho bonito que eu tinha... né... e daí... e aí não deu para ficar...” (A. A. ex-noviça)*
- *“Não sei bem se eu tinha um sonho...” (E. I. ex-Irmã)*
- *“Continuar este trabalho pastoral, dedicar minha vida em ajudar as pessoas e trabalhar como missionária...” (O. E. ex-Irmã)*

Este é um estudo de abordagem qualitativa, fruto de inquietações e questionamentos persistentes, seguido de pesquisa e a efetivação do mesmo na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria - ICM, no Rio Grande do Sul, Província Nossa Senhora de Fátima, de Caxias do Sul, no período de março a dezembro de 2007.

O objetivo foi identificar as causas da não permanência na Congregação, de acordo com 16 jovens entrevistadas que ingressaram e saíram da Congregação no período de 1997 a 2003.

Pela análise da pesquisa, verificou-se a variedade de sonhos e expectativas ao ingressar e, ainda, frustrações encontradas ao longo do caminho, além de um acompanhamento frágil no que dizia respeito ao projeto de vida pessoal e projeto congregacional.

No decorrer dessa pesquisa, pôde-se perceber o quanto a juventude de hoje apresenta sonhos frágeis e, ao mesmo tempo, não se acovarda diante do que lhe é imposto. A iniciativa de Deus em chamar pessoas para segui-Lo, como vocacionadas, à Vida Religiosa continua sendo um caminho e uma realidade.

Contudo, cresce o desafio de que Deus chama, de muitas formas, pessoas diversas e com diversos carismas pessoais. O desafio está em despertar os jovens, acompanhá-los de forma concreta a partir de sua realidade, oportunizar-lhes um discernimento maduro e processual para responder de forma eficaz e eficiente a sua vocação.

PALAVRAS-CHAVES: Jovens, não-permanência, vida religiosa feminina, vocação, sonhos, projeto de vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA.....	09
1.1. Origem.....	09
1.2. Vida Religiosa Consagrada Feminina.....	10
1.3. A Vida Religiosa Consagrada Feminina Rio Grande do Sul.....	11
1.4. A Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria	12
1.4.1. O sonho de uma jovem.....	12
1.5. A crise das vocações x juventude no mundo contemporâneo.....	14
2. METODOLOGIA.....	17
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	19
3.1 Perfil das jovens entrevistadas.....	19
3.2 Análise e discussão da questão norteadora.....	28
4. CONCLUSÃO/CUIDADOS.....	38
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	43
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	45
ANEXOS.....	47
ANEXO nº. 01 – Questionário.....	48
ANEXO nº. 02 – Termo de autorização.....	50

LISTAGEM DE TABELAS

	Pág.
Tabela 01 - Perfil das jovens entrevistadas, segundo a faixa etária atual	19
Tabela 02 - Perfil das jovens entrevistadas, segundo a procedência	19
Tabela 03 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com a situação econômica da família na época do ingresso	20
Tabela 04 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com a idade ao ingressar na primeira etapa de formação para a VR	20
Tabela 05 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o tempo de permanência na Congregação	21
Tabela 06 - Perfil das jovens entrevistadas, com relação ao retorno a casa dos pais ou não ao sair da Congregação	24
Tabela 07 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o que faz atualmente	25
Tabela 08 - Perfil das jovens entrevistadas, referente ao tempo de permanência, se foi trabalhado o Projeto de Vida	25

LISTAGEM DE QUADROS

	Pág.
Quadro 01 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com a experiência pastoral e comunitária antes de ingressar na congregação	21
Quadro 02 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o sonho que tinha ao escolher a Vida Religiosa	22
Quadro 03 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o que significou trabalhar o projeto de vida, das 11 jovens que responderam sim	26
Quadro 04 - Perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o projeto de vida pessoal diante do projeto congregacional	27

ABREVIATURAS E SIGLAS MAIS UTILIZADAS

CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil

ICM – Imaculado Coração de Maria

IICM – Irmãs do Imaculado Coração de Maria

RS – Rio Grande do Sul

RJ – Rio de Janeiro

VR – Vida Religiosa

VRF – Vida Religiosa Feminina

VRCF – Vida Religiosa Consagrada Feminina

NG – Novas Gerações

PPV – Projeto pessoal de vida

PV – Pastoral Vocacional

SM – Santa Maria

SP – São Paulo

POA – Porto Alegre

p. – página

ed. – edição

cfr. – conforme

INTRODUÇÃO

“A juventude mundial está perdendo a capacidade de sonhar. Os jovens têm muitos desejos, mas poucos sonhos. Desejos não resistem às dificuldades da vida, sonhos são projetos de vida, sobrevivem ao caos.” (Augusto Cury)

O alto índice de mulheres jovens que não permanecem nas Congregações Religiosas, nos últimos anos, tem-se transformado num assunto importante de ser observado, ainda mais, quando se *“constata um forte declínio de interesse dos jovens pela vocação religiosa. A partir da década de 80, percebe-se uma queda cada vez maior das vocações femininas”*, conforme afirma PEREIRA, (2004, pág 116).

O interesse em estudar as causas das não-permanências surgiu em conseqüência de uma inquietude decorrente da experiência de sete anos de trabalho na formação inicial de uma Congregação, chamada “aspirantado”. O título nasceu a partir de um sonho. Um sonho que, antes de se tornar sonho, foi uma inquietação, um apelo e uma luta interior, a partir duma realidade emergida na realidade concreta de uma Congregação, onde vivem e convivem pessoas que querem iniciar uma caminhada; pessoas que recém iniciaram; outras que já deram muitos passos e também aquelas que têm muitas histórias para contar. Dentro disso, o fato de tantas não permanecerem neste caminho.

Em virtude do processo de Análise Institucional, realizado na Congregação a partir do ano 2003, no diagnóstico institucional, em nível de Província de Caxias do Sul, apareceu, como problema mais relevante, o elemento: “Pastoral Vocacional” e Formação: opção, escassez de vocações, desistências de jovens no aspirantado, postulado e noviciado. Qual seria a causa das não-permanências?

Estudar essa realidade - elevado índice de jovens que não permanecem nas Congregações - passa a ser significativo, nos últimos anos, a partir do momento em que se percebe não ser o problema de uma Congregação em si, mas um problema da Vida Religiosa Consagrada Feminina (VRCF) como um todo.

Estudar a situação da jovem na VRCF tem sentido ainda, pelo fato de que, ao longo da história, a religiosa mulher sempre deixou de ser citada, embora, existisse

em número maior do que os homens e a estes precisava se submeter e, ainda porque, conforme PEREIRA, (2004, pág 116)

“parece que o movimento feminista descortinou e inaugurou novos lugares para as mulheres no seio da sociedade: subjetividades afetivo-sexuais, ascensão profissional, ingresso na rede educacional pública ou privada, domínio da estética e do corpo, diminuição da participação na esfera doméstica e inserção na esfera pública, com cargos e status políticos e de cidadania, deslocamento da dependência masculina e maior contato e experiência singular com o mundo feminino.”

O estudo partiu das seguintes hipóteses: as jovens se desiludiram diante do que é a Vida Religiosa Consagrada das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, em oposição ao que esperavam. Por isso, a pergunta: seria a descoberta de que não tem vocação para a VRC e/ou ingressaram na Congregação muito novas?

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo identificar os fatores determinantes para a não-permanência das jovens na Congregação, de acordo com a visão daquelas que permaneceram um período determinado e deixaram a Congregação, podendo-se, dessa forma, analisar os motivos citados e a decisão tomada.

A partir dessa realidade, elaborou-se uma pesquisa, realizada no período de março e abril/2007. O primeiro passo consistiu na elaboração de um projeto de pesquisa. Para isso foi delimitado o assunto, realizada uma revisão teórica sobre a história da VRC. Atendo-se à VRCF, buscou-se olhar mais de perto para a história da VRCF no Rio Grande do Sul e a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria e sua fundadora-jovem-mulher para, finalmente, optar por uma instituição a ser escolhida para efetuar a entrevista com as jovens que por ela passaram.

Havendo, em Caxias do Sul, uma sede provincial da Congregação, e mais outras duas no estado, a Congregação, de acordo com ZAMBERLAM, (pág. 46 - 2007), *“foi a primeira congregação feminina e de vida ativa que chegou ao RS, na cidade de Pelotas, no dia 07 de setembro de 1855”*, e foi fundada por uma mulher; optou-se por esta instituição.

Dessa forma, pretendeu-se penetrar na vida concreta de jovens que deixaram a Congregação para, através duma abordagem qualitativa, conhecer os reais motivos de *“um sonho interrompido”*. Como afirma CURY (2004, pág. 111) *“os sonhos, por serem verdadeiros projetos de vida, resgatam nosso prazer de viver e nosso sentido de vida, que representam a felicidade essencial que todos procuramos.”*

1 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA

1.1 ORIGEM

Onde estaria a origem da Vida Religiosa Consagrada? Autores como BAVEL (1978, pág 57), nos dizem que podemos indicar sua origem “*em torno do ano 300*”, embora os estudiosos já apontem alguns modelos de Vida Religiosa na Bíblia (Antigo Testamento), como o caso dos essênios que levavam vida comum.

A partir disso, surgem ainda outras questões. BAVEL pergunta: “*levado por quê reflexões chegou-se à vida religiosa? O que impulsionou estes homens? Onde buscaram sua inspiração?*”

Nesse sentido, desde os começos da Igreja, sabe-se que houve homens e mulheres que se propuseram a seguir a Cristo com mais liberdade e imitá-lo mais. Cada um, a seu modo, levou vida consagrada a Deus. Assim podemos destacar períodos significativos ao longo da história.

- Nos séculos IV e V, há saída de pessoas para o deserto. Buscavam-se alternativas diferentes e chamava-se isso de “fuga do mundo”. O período pode ser caracterizado como de uma grande busca de Deus no contexto de deserto.
- No deserto, formaram-se os mosteiros e cresce, com rapidez, a vida comunitária. Houve mudanças radicais. A oração na solidão passa para a oração em comum e se associa ao trabalho. Os mosteiros, além da dimensão espiritual e evangelizadora, se organizam para prestar múltiplos serviços sociais de saúde, de desenvolvimento intelectual e de pesquisas.
- Já no final do século XI, a Vida Consagrada Monacal, depois de tempos de ambigüidade, começa a articular esforços de renovação. Surgem muitos movimentos como alternativa ao luxo e à corrupção vigente. Nesse contexto

se destacam os mendicantes, caracterizados por assumirem, radicalmente, a inspiração evangélica da pobreza, na condição de pedintes.

- Com a chegada da modernidade e a grande mudança cultural, a VRC reage, configurando-se como um novo rosto para os tempos modernos. A partir das necessidades concretas percebidas na vida do povo, nascem grupos de pessoas que, fortalecidas por uma espiritualidade, se juntam para prestar estes serviços na sociedade. Nascem as muitas Congregações, chamadas de vida ativa, inseridas na sociedade. Assumem práticas dentro da sociedade, muitas delas, associando a espiritualidade com o desempenho de ações sociais que a sociedade civil e estatal não conseguia desenvolver. Aqui é pertinente destacar o que afirma CODIVA (1987, pág. 37):

“a tensão entre decadência e renovação, entre laxismo e reforma é uma constante na história da vida monástica e oferece ampla matéria para a reflexão sobre a VR. Todo laxismo começa pela riqueza e pelo poder e toda reforma é uma volta à pobreza original. O início de toda reforma é o êxodo do grande mosteiro para a pequena fundação. Quando esta reforma esquece seus ideais evangélicos primitivos, degenera de novo na ambigüidade de uma vida demasiadamente cômoda e instalada. Será necessária a sacudida profética de outra nova reforma... ou de outro ciclo de VR.”

1.2 VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA

A vida religiosa consagrada feminina, dentro deste contexto histórico, com certeza, merece e necessita uma palavra especial. Sabe-se que a VR, desde o começo, sempre teve maior número de mulheres consagradas do que homens, mas estruturalmente dependia dos homens. Pois, como nos diz BAVEL (pág 73);

“desde a origem da vida religiosa no Egito, vemos que a mulher tem aí o seu lugar. Contudo, ...a cultura da antigüidade impõe grandes restrições à atividade da mulher, o que constitui um fenômeno social... Na Idade Média surgiu, outrossim, o abuso de se abrirem os conventos tão somente aos membros das classes mais altas, uma vez que na nobreza a família era responsável pelas suas filhas não-casadas. Este exclusivismo e, mais, a proibição de participar da vida social, tiveram como consequência que só se dava às mulheres papel contemplativo e orante. ...a participação apostólica, caritativa e social das religiosas cresceu continuamente, desde o século XVII, até há poucos anos”.

Podem-se citar, ao longo da história, exemplos de mulheres que, desafiando sua época, se lançaram a iniciativas realmente revolucionárias para seu tempo; fundando institutos de vida ativa, mas sempre tendo que se submeter ao homem. Uma dessas é Ângela de Mérici que, em 1530, fundou a Congregação das Irmãs

Ursulinas. Na sua origem, não vivem em comum, mas continuam em suas casas, cuidam dos necessitados a domicílio, pregam pelas ruas e praças. A iniciativa terá uma grande expansão e, lentamente, é freada e sua fundação vai, aos poucos, assumindo os traços da VR feminina clássica.

Outra mulher corajosa e renovadora foi Mary Ward, uma inglesa que, em 1609, fundou um Instituto dedicado à educação de jovens. Seu Instituto é desfeito em 1631 e ela é presa como herege e cismática. Séculos mais tarde, Pio XI e Pio XII a elogiarão publicamente por ter aberto caminhos para novas formas de VRCF.

Assim poderíamos citar mais exemplos que mostram o difícil percurso da VRCF e as pressões sociais a que esta VRF foi submetida. Percebe-se que serão necessários vários séculos a fim de que a evolução da mulher na sociedade permita uma evolução também na VRCF. (cfr. BRENNAN, 1985/6, pág. 654-665)

Ainda hoje a mulher consagrada é a maioria. Conforme PRADO (2006, pág. 9), *“a Vida Consagrada é, majoritariamente, feminina. De cada 100 pessoas consagradas, aproximadamente, 80 continuam sendo mulheres e 20, homens.”* Os dados deixam transparecer que, se o número de mulheres consagradas vem diminuindo gradativamente, uma das razões é porque ainda falta espaço de realização e valorização da mulher, embora não possamos negar a emancipação da mulher como um todo; ou seja, na igreja e na sociedade em geral.

1.3 A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA NO RIO GRANDE DO SUL

De forma sucinta, é importante recordar um pouco a história da VR no estado do RS, pelo fato de a pesquisa estar relacionada ao público e à realidade desse estado. Nesse sentido, os religiosos e as religiosas que vieram ao RS, de acordo com GUARESCHI (pág. 09 – CRB/RS, 2007), *“quanto a sua proveniência, podem ser divididos em três grupos distintos: os que foram fundados aqui mesmo no RS; os que já tinham vindo ao Brasil e chegaram ao RS de outros Estados; e os que vieram de outros países diretamente ao RS.”*

Ainda, conforme GUARESCHI, (pág. 10); *“foi apenas no séc. XIX que os religiosos e as religiosas começaram a aportar ao Brasil... Já para o RS, a grande maioria só chegou no séc. XX: 86 dentre os 105 grupos hoje existentes, no RS.”*

Podemos afirmar que este fenômeno ocorreu porque a Europa, no séc. XIX, estava abalada pela Revolução Francesa, trazendo uma profunda desestabilização em todas as instituições, dando a impressão de que tudo tinha caído e precisava ser recolocado no lugar. Ou seja, a revolução viera desordenar e complicar a vida social.

Para o Brasil e o RS, neste período de imigrações, a Igreja Católica olhava com olhos de esperança, e falava da importância de atender os imigrantes, visto como campo fértil de fortificação do catolicismo. Daí o enxame de Congregações religiosas femininas e masculinas que acorrem, especialmente, para os estados do RS e SC, pois foram os estados que mais receberam imigrantes italianos, alemães, poloneses, ucranianos, etc. De acordo com GUARESCHI, (pág. 12) *“conseqüência natural desse processo, foi a ênfase dada a essas Congregações na busca de vocações provindas principalmente de famílias de imigrantes e de seus descendentes.”*

Vieram para cá, os religiosos, tanto laicais, para suprir deficiências no campo da educação e, depois, na saúde, como os clericais, que se concentraram na atividade paroquial, basicamente.

1.4 A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

A Congregação das Irmãs do ICM foi fundada, no Brasil, em 08 de maio de 1849, no Rio de Janeiro. De acordo com ZAMBERLAM (2007, pág. 46), *“foi a primeira Congregação feminina e de vida ativa que chegou ao RS, na cidade de Pelotas, no dia 07 de setembro de 1855”*, para dedicar-se ao cuidado de meninas órfãs e desamparadas.

Quando é fundada a Congregação, o regime é conservador e o catolicismo nostálgico. Ao clero, pensado como intercessor diante de Deus, não lhe cabia a preocupação com atividades sociais ou pastorais. As Congregações femininas eram várias, sob a forma de mosteiros de clausura, sem desenvolver atividades caritativas.

1.4.1. O sonho de uma jovem

Uma jovem mulher que se quer destacar, aqui, é Bárbara Maix, a fundadora da Congregação das Irmãs do ICM, nascida em Viena, no ano de 1818, numa

família numerosa e pobre. Órfã aos 15 anos de idade, Bárbara, com sua irmã Maria, duas jovens pobres e órfãs, precisam dar um rumo às suas vidas.

Como jovem de sua época e, observando a realidade social de pobreza e exploração humana, em sua cidade, Bárbara desenvolve a consciência da necessidade de cuidar de outras jovens, vindas do interior para a capital, em busca de estudo e trabalho, especialmente, as empregadas e desempregadas domésticas que ficavam à mercê de seus patrões e muitas acabavam na prostituição.

Com a morte, a dor, as injustiças sociais e as perdas, desde a sua infância, rondando, poderíamos dizer que ali não haveria possibilidade de sonhar e, muito menos, para quê sonhar. Mas ela ousou, acreditou e deu ouvidos à voz do coração, com os pés no chão de sua família, da pátria e da sua fé no transcendente. Por causa de seu sonho, nela amadureceu um ideal maior e pôs-se a caminhar, dando um passo de cada vez. Deixando de lado e/ou para trás, tudo aquilo que poderia atrapalhar seu sonho: o não ter recursos materiais, as autoridades contrárias ao seu sonho, e até a pátria a perseguir uma meta em defesa da vida.

Assim sendo, no convívio com as colegas de pensão, Bárbara vai externando o projeto de fundar uma Congregação Religiosa para se dedicar à assistência às jovens desempregadas e à educação de meninas.

Solicitou licença para a fundação e esta lhe foi negada pelas autoridades civis e eclesiásticas. Irrupendo a revolução em Viena, de forte cunho anticlerical, durante o século XIX, Bárbara e suas companheiras são perseguidas e expulsas do país. Por isso, Bárbara se sentiu obrigada a emigrar para conseguir alcançar sua meta, seu sonho e dar forma ao apelo de fundar a Congregação. Para isso, deixa sua terra e ruma para o Brasil, onde encontra o contexto do 2º império, com Dom Pedro II, comandado por uma sociedade agrária e escravocrata.

O sonho, em Viena, iniciou em 1843. No Brasil, se concretizou no dia 08 de maio de 1849, no Rio de Janeiro. Bárbara se opõe ao sistema escravagista, recusando-se a ter escravas a seu serviço e dedicando-se à educação de meninas vítimas dum sistema desumano e anticristão.

No estado do RS, a Congregação chegou em 1855, na cidade de Pelotas, para dedicar-se ao cuidado de meninas órfãs e desamparadas. O segundo local foi em Porto Alegre, em 1856, atendendo ao pedido da Diretoria da Santa Casa de Misericórdia, para cuidar das crianças da “Repartição dos Expostos”. Em 1857

iniciaram as atividades no Asilo Santa Leopoldina e, em 1872, assumiram o Asilo Providência para órfãos e pensionistas.

Em 1889, com a proclamação da República, o Brasil opta por um modelo capitalista liberal e a Congregação inicia suas atividades através de educandários e colégios, consciente do cenário de divisão injusta de classes de ricos e pobres.

De acordo com CUNHA (1982, pág. 69),

“em 1892, as fronteiras da Congregação alargaram-se para o interior. A partir daí, muitas obras foram abertas em cidades e vilas do interior, e a Congregação ia se infiltrando nos meios rurais e pobres, levando a boa nova em escolas, asilos, creches, hospitais... As famílias eram pobres, numerosas, com características de patriarcado, carregadas de tradição e religiosidade muito grande. Muitas vocações começaram a surgir, crescendo acentuadamente o número de membros na Congregação.”

Devido à maior concentração do número de Irmãs no estado do RS, em 1952 a Congregação se organizou em “províncias”; a saber: Porto Alegre, São Paulo e Santa Maria. Em 1964, é constituída a Província de Caxias do Sul. Com a sede geral, no RS, em Porto Alegre. Só após o Concílio Vaticano II, começa a haver uma mobilidade das irmãs ICM para outros Estados.

Atualmente, a Congregação atua nas seguintes atividades apostólicas: educação, obras sociais, pensionatos destinados a jovens do interior que estudam na cidade, saúde, obra social para atendimento a idosos, pastorais diversas e projetos sociais, em periferias. Ela marca presença, além do Brasil, em 07 países. Conforme documentos da Congregação e dados do dia 31/12/2005, o total de Irmãs é de 898. Destas, 696 estão no RS. 170 Irmãs pertencem a Província de Caxias do Sul.

1.5 A CRISE DAS VOCAÇÕES X JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Ao longo da história, a família coesa, bem estruturada em torno da figura paterna e materna e aliada às matrizes simbólicas religiosas, foi considerada a principal célula geradora de vocações religiosas. Caindo a importância da religião na vida social e familiar, as vocações tiveram, nos últimos tempos, redução importante na Igreja. Houve mudanças consideráveis no tipo de vocação e na quantidade de

jovens que escolhem a VR. Como diz DREHER (2006), *“crises são salutares. Levam à raiz e à busca por novos caminhos.”*

Bem sabemos que, além da crise das vocações na VRCF, vivemos numa época de muitas outras crises, tais como, a crise do homem diante da emancipação da mulher, a crise de gerações e a da juventude dentro do sistema neoliberal, onde prevalecem o individualismo, o consumismo e outras mais, fazendo do jovem uma presa fácil.

Crises são algo inerente ao ser humano e algo necessário, porque se acredita que a crise é oportunidade de mudança ou, ainda, uma ocasião de crescimento. Segundo a Bíblia (no Novo Testamento), “crise” é um momento privilegiado de discernimento. A evolução favorável de uma crise conduz a um crescimento, à criação de novos equilíbrios, ao reforço da pessoa e da sua capacidade de reação a situações menos agradáveis. Isso vem ao encontro do que diz PEREIRA (2007, pág. 120),

“a crise que tomou conta da VR não é específica da Vida Consagrada. Vivemos mergulhados numa crise institucional, num modelo de instituição. Isso é benéfico. É sempre instrutivo com a condição de que possa desembocar numa abertura em direção à criação, às trilhas da utopia e a um novo sonho.”

Quando o nosso foco de estudo é a juventude, o elemento “crise” tem um significado singular. Estamos diante de uma pessoa que vive nesta fase de incertezas, de busca de autonomia, necessitando de um referencial apoiador que, muitas vezes, não encontra, nem na própria Igreja.

Neste sentido, é muito provocativa a reflexão que faz LISBOA (publicações CRB - 2004/2007, pág. 81) ao afirmar que,

“aparece também o grito da juventude brasileira que se considera cada vez mais abandonada pela Igreja, não sendo levada a sério nas suas reivindicações. Ela sente-se bloqueada pelos entraves de uma instituição pesada e arcaica.”

Embora, falando em termos de VRC, como nos mostra a história, de acordo com BAVEL (pág. 75), *“a crise atual não é a primeira na História da vida religiosa. No decorrer dos séculos, houve inúmeros períodos de crise, e mesmo de desmoronamento total. Das 105 fundações que surgiram antes de 1600, só existem agora 25”*. De acordo com ANJOS (publicações CRB – 2004/2007, pág. 17), *“as mudanças culturais e os novos tempos sempre desafiam a Vida Consagrada a se remodelar e a buscar novas formas de vida para seu tempo.”* Daí que é necessário

estarmos atentos para quais seriam as novas formas diante dos novos tempos emergidos na sociedade e que diretamente influenciariam na vida religiosa.

Conforme reflexões de diversos autores da revista *PJ a Caminho* 2006, os jovens de hoje questionam com suas vidas, ou permanecem indiferentes à VR, ou a buscam como refúgio. Então, afinal, para que VR queremos convocar os jovens hoje?

2 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa foi efetivada na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, na Província de Caxias do Sul, estado do Rio Grande do Sul.

Em primeiro lugar, foi realizado um levantamento de dados nos relatórios anuais da província em estudo, sobre entradas e saídas no período de 1997 a 2003, onde, a partir da revisão teórica, descobriu-se um índice elevado de jovens que entraram, mas não permaneceram nesta instituição. A saber: “aspirantado”: do ano 1997 a 2003, 45% destas “aspirantes” não permaneceram. Para exemplificar, no ano 2000, iniciou-se o ano com 49 jovens, e dessas, 26 deixaram a Congregação durante o ano. No “postulado” 80% não permaneceram. Exemplo: no ano 2001, das 07 jovens, da província, que iniciaram o “postulado”, (o postulado é interprovincial) 06 foram saindo ao longo do ano. Do “noviciado” 40% saíram (também interprovincial). Mais ainda: a cada ano, Irmãs jovens vão deixando a Congregação.

O passo seguinte foi decidir sobre quais jovens seriam entrevistadas e de efetuar os contatos com 16 jovens que entraram e/ou saíram da Congregação no período de tempo citado acima. Foram consideradas jovens que permaneceram, pelo menos, um ano na Congregação. Entrevistaram-se 04 ex-aspirantes, 04 ex-postulantes, 04 ex-noviças e 04 ex-irmãs. Ou seja, cada uma das entrevistadas permaneceu na Congregação num período determinado de tempo e em um ou mais períodos do processo de formação.

Esta pesquisa de campo foi realizada nos meses de março e abril de 2007, através do método qualitativo. Segundo MINAYO (1994, pg. 62), *“uma abordagem qualitativa é aquela que privilegia os sujeitos sociais, os quais detêm os atributos que o investigador pretende conhecer.”*

Para nortear essa abordagem qualitativa, foi utilizada a seguinte questão norteadora: **“porque você não permaneceu na Congregação?”**

Para efetivar a entrevista, elaborou-se um roteiro (conforme anexo n 01), que contém 12 perguntas para conhecer o perfil das entrevistadas: idade ao ingressar na

Congregação, tempo de permanência, sonho ao ingressar, o que faz atualmente, entre outras. No momento da entrevista, considerou-se que participaria da mesma somente a jovem que, depois de esclarecida e informada do tipo de pesquisa, do objetivo da mesma e do termo de autorização (conforme anexo n 02) dava seu consentimento. As entrevistas foram realizadas na residência das jovens. Um dado relevante a ser mencionado é o de que, das jovens procuradas para a entrevista, apenas uma não aceitou em participar; as demais, pelo contrário, agradeceram por terem sido escolhidas a participar do estudo.

Vale salientar que, nesta pesquisa, o testemunho individual foi tomado como verdade, na medida em que se entende de que o comportamento individual e social obedece a modelos culturais introjetados, ainda que de forma conflitante, até porque para MINAYO (1994, pg 62),

“o pensamento individual se integra no conjunto da vida social cujos modelos culturais são reveladores e refletem o caráter histórico e específico das relações; considerando ainda que os depoimentos são contextualizados. Dessa forma, ao mesmo tempo que a questão norteadora poderá ter limitado, ela possibilita que venha à tona a história real...”

Após a realização das entrevistas, em que a resposta da questão norteadora *“porque você não permaneceu na congregação?”* foi gravada, os resultados processados e analisados, com base no referencial teórico, sendo agrupados em forma de tabelas, quadros e categorias.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 PERFIL DAS JOVENS ENTREVISTADAS

Tabela 01 – perfil das jovens entrevistadas, segundo a faixa etária atual, abril/março de 2007

Idade atual	Quantidade	Percentual
De 20 a 25anos	07	43,75%
De 26 a 30anos	04	25%
De 31 a 47anos	05	31,25%
Total	16	100%

A maioria das jovens entrevistadas está, atualmente, com a idade entre 20 e 25 anos; é o caso de 43,75%. A minoria tem entre 31 a 47 anos, correspondendo a 31,25% sobre o total. Entre 26 e 30 anos aparecem 04 jovens, o que corresponde a 25%.

Tabela 02 – perfil das jovens entrevistadas, segundo a procedência, abril/março de 2007

Procedência	Quantidade	Percentual
Rural	12	75%
Urbana	04	25%
Periferia	00	0%
Total	16	100%

Percebe-se a predominância de ingresso na Congregação, de jovens provenientes da zona rural. Os dados nos mostram que 12 jovens (75% das entrevistadas) são de procedência da zona rural. Apenas 04, ou seja, 25% são de procedência urbana. Nenhuma é da periferia.

Esses dados estão de acordo com outras pesquisas realizadas, indicando que “a maioria dos jovens que entram para a VR são de origem rural (63%)”; ANJOS (2004, pág. 68), falando da origem social dos jovens que buscam a VR.

Talvez, possamos afirmar que vivemos os resquícios dum período em que a ênfase das Congregações era a busca de vocações junto a famílias de imigrantes, de onde a maioria dos religiosos/as de hoje são fruto, direta ou indiretamente.

Tabela 03 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com a situação econômica da família na época do ingresso, abril/março de 2007

Situação econômica	Quantidade	Percentual
Boa	14	87,50%
Má	00	0%
Ótima	00	0%
Ruim	02	12,50%
Total	16	100%

Chama bastante à atenção a questão social, isto é, a situação econômica da família na época do ingresso da jovem na Congregação. Das entrevistadas, um total de 14 jovens, ou seja, 87,50%, responderam que a situação econômica da família era boa. Apenas 02 jovens, isso corresponde a 12,50%, disseram que a situação era ruim. Nenhuma jovem afirmou que a situação era ótima e/ou má.

Tabela 04 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com a idade ao ingressar na primeira etapa de formação para a VR, abril/março de 2007

Idade ao ingressar	Quantidade	Percentual
13 a 15 anos	08	50%
16 a 19 anos	07	43,75%
20 a 31 anos	01	06,25%
Total	16	100%

Em relação à idade das jovens ao ingressar na Congregação, chama a atenção de que prevalece a faixa etária de 13 a 15 anos, totalizando 08 jovens, ou seja, 50%. Outras 07 jovens ingressaram com idade entre 16 e 19 anos,

correspondendo a 43,75%. Apenas uma jovem, ou seja, 06,25%, com idade entre 20 e 31 anos.

Tabela 05 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o tempo de permanência na Congregação, abril/março de 2007

Tempo de permanência	Quantidade	Percentual
Até 03 anos	03	18,75%
De 03 a 05 anos	06	37,50%
De 06 a 10 anos	04	25%
Mais de 10 anos	03	18,75%
Total	16	100%

Referente ao tempo de permanência na Congregação, a tabela acima mostra que a maioria das jovens permaneceu na Congregação num período de 03 a 05 anos; ou seja, 06 jovens, correspondente a 37,50%. Ainda 25%, ou seja, 04 jovens permaneceram de 06 a 10 anos; 18,75% das entrevistadas permaneceram até 03 anos; 18,75% ficaram, igualmente, durante mais de 10 anos.

Quadro 01 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com a experiência pastoral e comunitária antes de ingressar na Congregação, abril/março de 2007

Experiência pastoral e comunitária anterior	Quantidade / total	Percentual
Ajudava na liturgia (13), grupo de cantos (03) e catequese (08)	13 (de 16)	81,25%
No grupo de jovens (06)	06 (de 16)	37,50%
Movimento de mulheres (01), pastoral operária (01)	02 (de 16)	12,50%
Grupo de família (04)	04 (de 16)	25%
Nenhuma (02)	02 (de 16)	12,50%

No que diz respeito à experiência pastoral e comunitária antes de ingressar na Congregação, observa-se que a maioria das jovens, ou seja, 13 das entrevistadas, ajudavam na liturgia; 03 no grupo, de cantos e 08, na catequese. Além disso, 06 jovens participavam do grupo de jovens e 04, em grupos de família. Um dado que chama a atenção é que 02 jovens não tinham nenhuma experiência

e/ou participação pastoral e comunitária. 02 entrevistadas citaram participar de outras pastorais: 01 participava do movimento de mulheres e 01 da pastoral operária. Constata-se, dessa forma, uma diversidade de engajamentos. A maioria, contudo, relaciona-se a questões pastorais. A liturgia e catequese contou com apenas uma pequena parcela. Em todo o caso, 12,50% era atuante em movimentos sociais.

Quadro 02 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o sonho que tinha ao escolher a Vida Religiosa - abril/março de 2007

Qual o sonho que você tinha ao escolher a Vida Religiosa?	Quantidade	%
a) Idade ao ingressar - 13 e 14 anos x sonho	05 jovens	31,25
- seguir Jesus Cristo. - fazer algo em prol dos mais necessitados. - ajudar ao próximo, para que todos tivessem vida mais digna. - conhecer mais a vida de outras pessoas e tentar ajudá-las. - descobrir qual a verdadeira vocação que eu queria seguir realmente. - o auto-conhecimento.		
b) Idade ao ingressar - 15 e 16 anos x sonho	04 jovens	25
- conhecer como era a VR, achava interessante o trabalho; encontros vocacionais ajudaram, sonhava em ser como a Irmã animadora vocacional. - com o meu trabalho e vida, ajudar a melhorar a vida das pessoas, me doando inteiramente a causa dos mais pobres. - conhecer e vivenciar a maneira como as Irmãs trabalhavam e ajudavam as pessoas. - discernimento, conhecer os ideais da congregação, ser uma presença viva de Cristo no meio dos homens.		
c) Idade ao ingressar - 17 a 19 anos x sonho	06 jovens	37,50
- na verdade eu queria ser Irmã. - ter uma vida voltada e dedicada ao povo mais carente. - não sei bem se eu tinha um sonho. - entrar na congregação foi espaço para crescimento pessoal. - ser Irmã para poder de alguma forma ajudar os necessitados. - continuar o trabalho pastoral, dedicar a vida em ajudar as pessoas e trabalhar como missionária na África. - ir para o mundo levando o Evangelho, especialmente aos mais pobres e excluídos e em especial as crianças e jovens.		
d) Idade ao ingressar – acima de 30 anos x sonho	01 jovens	06,25
- não tinha algo definido, queria evangelizar. - queria conhecer a VR e discernir se era isso.		
Total	16	100

São vários os elementos que chamam atenção neste quadro, referente ao sonho das jovens ao escolher a VR, lançando um olhar para a idade em que ingressaram.

No geral, os sonhos são amplos e diversos. Um destaque, como primeiro elemento para os sonhos, é o que se refere à ajuda ao próximo, sonho este, citado por várias jovens e das diversas idades ao ingressar: *“ser Irmã para poder, de alguma forma, ajudar os necessitados; ter uma vida voltada e dedicada ao povo mais carente; fazer algo em prol dos mais necessitados; ajudar ao próximo, para que todos tivessem vida mais digna; conhecer mais a vida de outras pessoas e tentar*

ajudá-las” e outros, que se aproximam dessa afirmativa. Essas respostas são um convite para refletir no que diz ANJOS (2004 – p.146):

“o ‘serviço aos irmãos’ como motivação primeira para entrar na VR é algo que deve ser avaliado com mais acuidade. Entre outras coisas porque poderia estar reforçando uma visão da VR como plataforma para ‘fazer’ coisas e não como forma de vida evangélica. Ora, a ruptura entre o que a VR ‘realiza’ e sua ‘maneira de viver’ é uma das maiores contradições nas quais ela se debate hoje. A questão é decisiva porque está em jogo a relação entre as ‘novas gerações’ e o futuro da VR”.

Continuando a análise, chama atenção que as jovens que ingressaram com 15 e 16 anos já apresentam sonhos mais concretos, com características de identidade com a Congregação e a VR.: “*sonhava em ser como a Irmã animadora vocacional*”; ou ainda, “*conhecer e vivenciar a maneira como as Irmãs trabalhavam e ajudavam as pessoas*”.

Das jovens entrevistadas que tinham entre 17 e 19 anos ao ingressar, percebe-se maior clareza no sonho. Exemplo: “*na verdade eu queria ser Irmã*”, e outra, “*ir para o mundo levando o Evangelho, especialmente, aos mais pobres e excluídos e às crianças e jovens*”. O mesmo se manifesta na jovem adulta que buscou um discernimento.

Outro elemento relevante que chama atenção, embora citado apenas por uma jovem, é, conforme ela se expressa: “*não sei bem se eu tinha um sonho*”; e ainda outra que diz: “*não tinha algo definido, eu gostaria de trabalhar para Jesus*”. Será que se pode afirmar haver “falta de sonhos” na vida dessas jovens? O que buscavam mesmo? Havia um desejo pessoal? É pertinente à reflexão feita por BORAN (2005. pág. 21): “*os horizontes de uma grande parte da nova geração não se projetam para o futuro. A preocupação está com o presente, o bem-estar, as sensações do momento.*” LIBÂNIO, (2004, pág 92) vem reforçar essa questão, quando afirma que: “*...sem muita criatividade e clareza de objetivos raramente se consegue ir longe.*”

Conclui-se essa análise dando uma atenção para a resposta de 03 jovens, quando expressam, em seu sonho, o desejo de descobrir sua vocação. Isso vem expresso de diversas formas, a saber: “*descobrir qual a verdadeira vocação que eu queria seguir realmente*”; “*na verdade eu queria ser Irmã*”; e “*ser Irmã para poder, de alguma forma, ajudar os mais necessitados*”. Não se percebe nenhuma certeza, mas existe a busca da jovem em descobrir sua vocação, em querer ser Irmã. Elemento muito importante em nossa vida, indo ao encontro do que CURY (2004 – pág. 137)

afirma ao dizer que “os sonhos transformam a vida numa grande aventura. Eles não determinam o lugar aonde você vai chegar, mas produzem a força necessária para arrancá-lo do lugar em que você está.”

Tabela 06 – perfil das jovens entrevistadas, com relação ao retorno a casa dos pais ou não ao sair da Congregação, abril/março de 2007

Ao sair retornou para casa dos pais	Quantidade	Percentual
Sim e continuam com os pais (06)	12	75%
Sim e não permaneceram com os pais (06)		
Não	04	25%
Total	16	100%

É curioso perceber o resultado dessa questão, referente ao retorno para a casa dos pais das jovens que deixaram a Congregação. Temos 12 jovens, ou seja, 75% delas retornando à casa dos pais; quando apenas 04, isto é, 25% não retornam para lá.

Vale destacar aqui de que das 04 que não retornaram à casa dos pais, 03 dessas são ex-irmãs e tinham idade superior a 30 anos. A outra que não retornou, era postulante, quando saiu, e tinha 20 anos de idade.

Referente às que retornaram à casa dos pais, temos as seguintes idades: de 20 a 25 anos, 07 jovens; de 26 a 30 anos, 04 jovens; e acima de 31 anos, apenas uma. Além disso, das 12 que retornaram, 06 continuam com os pais e 06 não permanecem mais com eles.

Faz-se pertinente, aqui, voltar nosso olhar para a condição econômica da família de procedência das jovens. 75%, conforme tabela 03, citaram que a situação econômica era boa e, conforme a tabela 02, também 75% são de origem rural, ao ingressar na Congregação, e ainda a maioria, ao deixar a Congregação, retornou para a casa dos pais, possivelmente, este dado nos leve a pensar sobre os resquícios, também, duma cultura e período da história ainda vigente, em que a vida religiosa, de acordo com PILONETTO (2007 - pág. 25), “é um espaço para aprender mais e ser alguém na vida”, porém, não “dando certo” na Congregação, volta-se para casa, pois os valores mudaram e a busca da realização também. E ainda, de acordo com PEREIRA (2004, pág. 116)

“a classe média, que durante mais de 300 anos foi a grande parceira da Igreja, passou a escolher cada vez mais a secularização, assumindo valores individualistas, consumistas e com forte motivação competitiva profissionalizante, visando à realização pessoal...”

Tabela 07 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o que faz atualmente, abril/março de 2007

O que faz atualmente	Quantidade	Percentual
Estuda e trabalha	05	31,25%
Estuda, trabalha e tem atuação pastoral	04	25%
Trabalha e tem atuação pastoral	04	25%
Só trabalha	03	18,75%
Total	16	100%

Analisando o que as jovens entrevistadas fazem atualmente, percebe-se que apenas 03 jovens, ou seja, 18,75% somente trabalham. Temos 05 jovens, um total de 31,25%, que dizem estudar e trabalhar. Aparecem, conforme a tabela, 04 jovens, isto é, 25%, que estudam, trabalham e tem atuação pastoral; e ainda mais 04 jovens (25%) que trabalham e tem atuação pastoral. É significativa a relação que tem o elemento: trabalho e atuação pastoral. Constata-se que 08 das jovens entrevistadas, quer dizer, 50%, deixaram a Congregação, mas seguem engajadas, tendo uma atuação pastoral, além de trabalhar e estudar, como é o caso de 04 das jovens entrevistadas.

Tabela 08 – perfil das jovens entrevistadas, referente ao tempo de permanência, se foi trabalhado o Projeto de vida, abril/março de 2007

No seu tempo de permanência trabalhou-se o Projeto de Vida	Quantidade	Percentual
Sim (02 aspirantes); (02 postulantes); (04 noviças) e (03 Irmãs)	11	68,75%
Não (02 aspirantes); (02 postulantes) e (01 Irmã)	05	31,25%
Total	16	100%

É importante destacar que, além das 11 jovens que responderam “sim” (68,75%) ainda aparece outro fator importante que se relaciona a quem respondeu e o que respondeu; ou seja, entre as “aspirantes” e as “postulantes”, em cada caso,

duas responderam “sim” e duas “não”. As “noviças” todas responderam “sim”, isto é, que foi trabalhado o Projeto de Vida (PV). Das “Irmãs” entrevistadas, apenas uma respondeu que não foi trabalhado. Aqui vale lançar um questionamento sobre a questão do PV na Congregação: a jovem acompanhada entende o que significa trabalhar o PV? E, a acompanhante direta da jovem (Irmã), como trabalha e entende o PV?

Assim sendo, temos 05 entrevistadas, ou seja, 31,25% que afirmaram não ter sido trabalhado com elas o Projeto de Vida.

Junto a essa pergunta, segue outra, sobre o que significou trabalhar o Projeto de Vida. As respostas obtidas aparecem no quadro abaixo, também de acordo com a idade; ou seja, a fala de quem entrou com idade entre 13 a 16 anos, com 17 anos e quem tinha acima de 18 anos.

Quadro 03 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o que significou trabalhar o projeto de vida, das 11 jovens que responderam sim, abril/março de 2007

O que significou trabalhar o projeto de vida	Quantidade	%
a) Idade entre 13 e 16 anos	06	37,50
- ajudou a dar um rumo, fez tomar decisões com mais precisão e ajudou amadurecer sentimentos. - formação e valorização como pessoa, crescimento pessoal. - aprendi tantas coisas na congregação que me servem de luz para viver o dia-a-dia. - significou aprender viver com pessoas diferentes, respeitar e valorizar a congregação, auto-conhecimento, se organizar. - me conhecer melhor, planejar o futuro, a ser organizada, ter e firmar valores, fez optar pelas causas populares e continuar o trabalho como liderança. - auto-conhecimento, trabalhar pontos positivos e negativos.		
b) Idade de 17 anos	02	12,50
- conhecimento e crescimento pessoal, me tornei mais gente. - aprendi muito, tinha paixão pela causa, foram experiências de vida.		
c) Idade acima de 18 anos	03	17,75
- não havia sintonia com o papel e a vivência, fiz mais por exigência da formadora, sem muita clareza e orientação segura do que isso representava. - objetivação das escolhas, manter-se a centralidade em meio a novas circunstâncias. - um reforço muito importante no discernimento vocacional, porque fortaleceu a compreensão e aceitação da minha vocação. E maior conhecimento pessoal.		
Total	11	100

As respostas sobre o significado de trabalhar o Projeto de Vida estão explicitamente mais voltadas para as dimensões pessoais e, ainda, relacionadas com a convivência humana e relação congregacional. Isso fica bem claro na fala das jovens que ingressaram na faixa etária dos 13 aos 16 anos de idade, conforme quadro acima.

Já para as maiores de 17 anos é mais diversificado o significado. Vai desde um maior conhecimento pessoal, maior objetivação das escolhas, fortalecendo a compreensão e aceitação da vocação. Cabe aqui a reflexão que nos diz:

”os jovens são sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação a outros segmentos etários. Requerem estruturas de suporte adequadas para desenvolver sua formação integral e também para processar suas buscas, para construir seus projetos e ampliar sua inserção na vida social.” (CIDADANIA, 2004, pág. 11)

Ainda é importante destacar e passa a ser questionável um Projeto de Vida feito por obrigação ou, então, sem orientação adequada, conforme fica bem evidente numa resposta: *“fiz meu projeto mais por exigência das formadoras, mas sem muita clareza e uma orientação segura do que isso representava”*.

Vê-se que é preciso aprender a ajudar o jovem a elaborar o seu Projeto de Vida a partir do momento em que começamos a interagir com ele, como vocacionado, ou não. É claro que, como vocacionado/a, na VR esse processo deveria ficar algo inerente a ser encarado pelo/a acompanhante e pela acompanhado/a. Até porque esse é um processo que deve ser feito de forma consciente e de forma gradativa, como nos ajuda refletir TEIXEIRA (2005 – p. 20), quando afirma que:

“não se elabora um PV às pressas, traçando impulsivamente metas, propostas e prioridades. É necessário, antes de tudo, que a própria pessoa seja consciente de si mesma e que tenha presente que ela é uma totalidade formada por estruturas fundamentais que lhe permitem existir *no* mundo, abrindo-lhe possibilidades que deverão ser consideradas. ”

Quadro 04 – perfil das jovens entrevistadas, de acordo com o projeto de vida pessoal diante do projeto congregacional, abril/março de 2007

Como é encarado o projeto de vida pessoal pela Congregação	Quantidade
De forma geral existia apoio, embora às vezes houvesse algumas divergências por parte de alguns membros.	02
Às vezes bem aceito, outras vezes não.	02
As Irmãs participavam do processo de forma bastante efetiva na formação. A pessoa vai se enquadrando, se adaptando. Quem está satisfeito continua ou contrário, se afasta.	03
É encarado com seriedade e competência, respeitando a individualidade de cada um. / A Congregação acolhe, respeita e ajuda a pessoa (ajudou-me a construir meu projeto), procura sempre orientar e acolher a realidade, o projeto de cada uma.	03
Era respeitada	02
Penso que não há uma única compreensão na Congregação	01

Percebe-se, neste quadro, uma grande diversidade nas respostas; ou seja, 03 jovens afirmam que há acolhida, respeito e ajuda no Projeto de Vida pessoal; 02 jovens dizem haver respeito; 01 cita haver apoio de um modo geral, mas acrescenta

que, às vezes, há divergências; o que vem ao encontro de outra que diz: “às vezes é bem aceito e outras não”; o que se aproxima da resposta de que “*não há uma única compreensão na Congregação*”. Ainda na opinião de 03 jovens: “*as Irmãs participavam do processo de forma bastante efetiva na formação. A pessoa vai se enquadrando, se adaptando. Quem está satisfeito continua ou, quem não, se afasta.*”

Estas respostas serão motivo para futuras análises e/ou para uma necessária avaliação na instituição sobre como é trabalhado o PV, qual o enfoque dado e qual a compreensão da jovem referente ao PV. Neste sentido, vale destacar a fala de TEIXEIRA sobre a importância de um PV e que é necessário ter bem claro o seu significado, como nos diz a mesma autora (2005, pág. 19)

“para realizar o sentido potencial de sua vida o ser humano terá que iniciar a elaboração de um programa que visará escolher caminhos, formas de concretização, prioridades e meios apropriados para a concretização da sua opção fundamental na realidade do mundo.”

Concorda-se que, “*ao elaborar o projeto de vida fica evidente que estamos assumindo a vida e, tomando-a em nossas mãos, queremos direcioná-la, fazendo-nos sujeitos da História, sendo cada vez mais livres, encontrando o sentido da vida*”, TEIXEIRA (2005, pág. 28). Assim, entende-se que a formadora, e/ou pessoa responsável, tem necessidade de ter diante dos seus olhos que este(a) jovem está em um caminho de busca, e que a sua ajuda representa para ele(a) uma referência necessária para potencializar os talentos que carrega e dar-lhes uma direção efetiva na vida e para a vida.

3.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA QUESTÃO NORTEADORA

A questão norteadora “*Porque você não permaneceu na Congregação?*,” trouxe vários dados. Para facilitar a compreensão, os dados foram classificados por categorias. Aparecendo como fator relevante: (1) decepção com a vida religiosa, manifestada de formas diferentes, tais como: (1a) problemas de relações comunitárias, (1b) falta de apoio e confiança na jovem, (1c) infantilização e (1d) liderança podada. Além de outros fatores, como (2) Questões familiares: saudades da família, atender necessidades familiares e não apoio familiar, (3) descobrir que

não é esta a sua vocação, (4) entrar muito nova na Congregação, sem preparo e acompanhamento prévio.

CATEGORIAS:

1) Decepção com a vida religiosa

Este fator, referente à decepção com a VR, aparece como o mais relevante, a partir dos relatos das jovens. Temos 03 jovens que citam, explicitamente, o termo: “decepção”. Contudo, percebem-se nas demais falas, outras características relacionadas ao mesmo problema e que foi assim caracterizado: problemas de relações comunitárias, falta de apoio e confiança na jovem, infantilização e liderança podada.

Entrevistada A: *“Eu acho que eu... me decepcionei assim um pouco com a vida religiosa no sentido de... sei lá... eu acho que não era assim... ... tudo aquilo que... porque quando eu entrei eu tinha... uma... uma idéia assim... meio fixa do que, que era a vida religiosa sabe, e... daí a medida que eu ia fazendo assim... a experiência no... na medida que ia passando o tempo eu via que... que não era bem aquilo e... não correspondia assim, naquilo que eu esperava, sabe que fosse... que...sei lá, me decepcionei dessa forma e tal...”* (A. I. ex-postulante)

B: *“...sendo que eu me decepcionei também com algumas coisas lá”.* (U. H. ex-aspirante)

C: *“Bem, eu não permaneci na Congregação porque eu comecei a perceber que... ahh... o estilo que a gente tava levando dentro da Congregação, em vez de me ajudá, a ...em vez de me ajudá a concretizá o meu projeto, tava de uma certa forma me sufocando... as Irmãs, elas queriam... humm... colocar a gente muito...éé... podavam de certa forma muitas coisas na gente, né... Em vez da Congregação tá me ajudando a servi... parece que tá me tirando duma certa forma.... a ... a espontaneidade, a alegria... eu... sai da Congregação porque em algum momento eu desanimei, eu cansei. Né... eu meio que deixei de acreditar*

aquele sonho bonito que eu tinha... né... e daí... e aí não deu para ficar.” (A. A. ex-noviça)

Esses relatos acima sugerem várias reflexões. De acordo com PEREIRA (2004, pág. 285),

“ninguém pode negar que há, na tradição da Igreja e nas comunidades formativas, uma longa história de silêncios impostos, de consciências caladas, de relações de poder em que a autoridade, extrapolando sua própria natureza como serviço, determinou as condições e os parâmetros dos relacionamentos.”

Ao encontro dessa fala vem a seguinte categoria, citada por 03 jovens.

(1a) Problema de relações comunitárias

D: *“Mas assim.... a decisão maior foi a ...a dificuldade na convivência comunitária. E... isso levava a um desgaste tão grande que quando chegava realmente pra você desempenhá qualquer trabalho né, de... externo; tava desgastada, não tinha mais... mais... condições de realizar. E... isso deixava, me deixou desmotivada, e... e com o tempo percebi que... que né era melhor... ter uma atitude, ter coragem e... e iniciar uma outra maneira de buscar.”* (D. O. ex-Irmã)

E: *“Eu fui me desencantando a respeito da vida religiosa, em especial com a vida comunitária... quando se passa por estresses e conflitos por coisas tão pequenas como uma toalha torta na mesa ou um copo deixado dentro da pia ou que eu devo respeitar mais a Irmã fulana por ser a coordenadora da comunidade....”* (O. E. ex-irmã)

F: *“é... quando a gente convive com... com alguém.... a gente... não divide só... afazeres... mas... ah... deve... dividi conv... a... a convivência, a vida, as emoções... e, no momento que... cada um vive pra si,... tem só a presença física ali junto.... a vida se torna vazia, né. Eu acho foi esse... esse vazio então que me levou a ... a sair, a procurar uma outra forma de.... de viver...”* (E. O. ex-Irmã)

Entende-se, com isso, que a questão do individualismo passou a ser um “fenômeno” que entrou nas comunidades de consagradas. Conforme nos diz GÓMES: *“a pós-modernidade estabeleceu o fundamento para que cada indivíduo*

seja realmente o que decide sobre o seu próprio destino.” É fato de que, conforme FAGOT (2006, pág. 128), *“alguns jovens questionam as instituições porque não são éticas ou porque antepõe as estruturas de poder ao valor do indivíduo”*. Vindo ao encontro de uma entrevista concedida, quando a jovem diz: *“que eu devo respeitar mais a Irmã fulana por ser a coordenadora da comunidade...”* (O. E. ex-irmã)

A partir da fala **F**, é pertinente à reflexão que GÓMES (1999 – pág.99) faz sobre a pós-modernidade;

“o ideal, se é que se pode chamar ideal, dos pós-modernos, enquanto amantes da criatividade e do desfrute do momento presente, consiste em esquecer-se de tudo o que os rodeia, sociedade incluída, para concentrar-se na sua própria realização pessoal.”

E não podemos ser ingênuos ou querer afirmar que a VRC está isenta desse mal. Somos parte da sociedade neo-liberal e essa nos convida e fascina cada dia para o individualismo, o egocentrismo e a realização pessoal, acima de qualquer outra coisa.

Seguindo a análise das categorias, aparece outro problema pertinente: a falta de apoio e confiança na jovem que, muitas vezes, pode passar despercebido e/ou ignorado o que, para as jovens, é relevante, como poderemos perceber nas duas falas abaixo.

(1b) Falta de apoio e confiança na jovem

G: *“Outro fator é a falta de confiança nas pessoas mais jovens, na falta de desafiar a gente a ser mais e melhor.”* (O. E. ex-irmã)

H: *“Quer dizer, você com 22 anos tinha que pedi se podia fazer pipoca na tua comunidade, então eram coisas assim que ... que... cansavam a gente, né! Muitas vezes que desanimavam, porque... em algumas coisas você era adulta, e em outras coisas não.”* (A. A. ex-noviça)

Acredita-se e defende-se a idéia de que educar o ser humano não significa *“adestrá-lo nessas três faculdades: no que tem de pensar, no que tem de reter e na maneira de atuar”*, (FERREIRA, 2004 – pág. 288). Pelo contrário, e muito mais do que isso, ainda conforme o mesmo autor; *“educar, na concepção humanista, é capacitar o sujeito pra que alcance seu fim último, sua realização, mediante ações livres e eticamente aceitáveis.”*

Toda busca humana carrega junto de si tensões próprias e inerentes ao ser humano que vive numa sociedade. Esse processo, muitas vezes, gera conflitos a serem encarados e elaborados. Nesse sentido, de acordo com LIBÂNIO (2004, pág. 65),

“a insatisfação juvenil é alimentada pela cultura burguesa, como vimos, por meio da rebelião sexual, política ou até mesmo da violência bruta. A insatisfação existencial e social do jovem não se explica unicamente pela sua condição burguesa. Esta reforça-a, mas há no coração de todo jovem um tensão estrutural entre sua condição de indivíduo e sua inserção na sociedade.”

Com certeza, essa é uma tensão que faz parte da vida, não só do(a) jovem, mas de todo religioso e religiosa que vive nesse tempo de mudanças rápidas e diárias; fenômeno que ainda precisa ser elaborado por muitos dos religiosos que, na sua maioria são fruto de um outro período da história e que ficaram à margem do caminho, incapazes de compreender e acompanhar o processo de mudanças da história.

Além disso, é importante ficarmos atentos à linguagem e/ou expressões usadas, tais como: ‘padres jovens’, ‘jovens professoras’, ‘formandas’ e outras, pois, de acordo com ANJOS (2004 – p. 150), *“podem alimentar o mito de uma juventude sem compromisso com a história”*; e ainda conforme o mesmo autor, *“esse recurso aos ‘jovens’ se torna um lugar-comum que mantém a ‘juventude’ numa atitude de passividade que não lhe permite assumir sua responsabilidade histórica.”*

É um dado que vem ao encontro da seguinte categoria e fala abaixo, indicando uma infantilização da jovem e não a educação para a maturidade e o compromisso.

(1c) infantilização

I: *“no aspirantado assim, a gente tinha um pouco mais de... de... liberdade assim... no sentido de poder escolhe assim, um pouco as coisas, um pouco assim... como... os desejos pessoais, como... a vontade assim... própria assim... como... os gostos da gente enfim. Eu me sentia assim que eu tinha mais essa... possibilidade de... assim... ser mais eu assim de... ahhh... sei lá, liberdade assim, né. Já no... postulado assim né, a gente era muito privada disso. Isso foi uma coisa assim que... que... pesou bastante sabe. A questão assim de pedir pra fazer tudo assim... porque... na época do postulado assim a gente já não era mais tão adolescente.”* (I. R. ex-postulante)

A vida coloca diante de cada um de nós a oportunidade de sermos pessoas criativas e em contínuo processo de transformação e adaptação. Isso nos ajuda a refletirmos sobre o processo de desenvolvimento do jovem, de modo especial, e o papel do/a educador-formador/a, na vida desse jovem, em busca de uma realização pessoal e/ou vocacional. CASTRO (2005, p. 274) diz que,

“há uma necessidade de o educador ter diante dos olhos que este adolescente está em um caminho desenvolvimental, e que a sua prática educativa pode ajuda-lo a potencializar os talentos que carrega, sendo, desse modo um diferencial que pode, muitas vezes, suplantar dificuldades e situações de risco vividas pelo adolescente...”

É extremamente pertinente, também, o que nos diz ALMEIDA (2006 - p. 200): *“as juventudes, com sua heterogeneidade e dinamismo, com novos tipos de projetos e trajetórias devem ser acompanhadas com cuidado e atenção”*. Caso contrário, como se percebe no relato abaixo, no lugar de ajudar, atrapalha-se o processo de amadurecimento da/o jovem.

(1d) liderança podada

J: *“Tenho saudades da... dos momentos de oração que a gente não consegue ter fora, né. Tenho saudades da convivência, das partilha de vida que a gente fazia, da..... dê... deste lado espiritual assim... mas eu...eu não tenho saudade daquela parte que podavam a gente, que diziam, não...”* (A. A. ex-noviça)

Percebe-se a validade de refletirmos sobre as tendências, as atitudes, as relações entre formador/a e formando/a neste período inicial da formação e quais as reações que são geradas a partir disso. Se a jovem verbaliza o sentimento de saudades em relação aos elementos comunitários, ou seja, *“da convivência, das partilha de vida, deste lado espiritual”* e, por outro lado, lamenta e não sente saudades do aspecto que, segundo ela *“podavam a gente”*; fica claro a necessidade de uma formação que, de acordo com GÓMES (1999 – p. 89),

“se se pretende refletir sobre o futuro da Vida Consagrada na Igreja e no mundo, é imprescindível abordar o tema da Pós-Modernidade, porque, seja ou não uma moda, condiciona, por um lado, o modo de transmitir a mensagem do Reino de Deus em sinais facilmente legíveis para os homens contemporâneos, e, por outro, não se deve esquecer que os jovens que pedem para entrar nos Institutos Religiosos são sujeitos, activos e passivos, da mesma pós-modernidade.”

Ou seja, conforme diz ALMEIDA (2006 - p. 14) *“estas culturas jovens reclamam inclusão, pertencimento, reconhecimento”*.

Outra categoria de motivos da não permanência na Congregação, citada pelas jovens entrevistadas, é referente à questões familiares, citado por duas jovens.

2) Questões familiares

Em relação a este motivo, uma jovem cita a saudade da família e outra a necessidade familiar ou o não-apoio familiar, como podemos ver abaixo nos relatos.

(2a) saudades da família:

Entrevistada A: *“eu... senti... me senti mais carente assim... senti saudades da família e coisa... percebi que... que tinha que fica mais junto da família...”* (R. E. ex-aspirante)

Esta resposta está muito relacionada com a questão da idade ao ingressar na Congregação; ou seja, muito nova, sem uma clareza de opção, surgindo a vontade de voltar, a saudade de casa, o querer *“ficar mais junto da família”*. Essa afirmação ganha força e sentido quando olhamos para a idade dessa jovem ao ingressar. Ela tinha 14 anos. Acrescenta-se a isso, o sonho que a mesma tinha ao escolher a VR: *“conhecer mais a vida de outras pessoas e tentar ajudá-las e descobrir a vocação que eu queria seguir realmente.”*

(2b) para atender necessidades familiares e o não-apoio familiar

Entrevistada A: *“principalmente num aspecto... e... que veio se somar... que foi uma questão familiar... que vinha assim persistindo desde o começo, um pouco pela não-aceitação da minha escolha vocacional... ...minha família, especialmente meus pais... que não estavam bem.”* (O. H. ex-Irmã)

Sem dúvida, precisa ficar claro, nesse depoimento, de que um fator puxa o outro; ou seja, existem vários motivos interligados para ocorrer uma decisão e para dar um rumo à vida. Neste depoimento temos um somatório, ou seja, questão familiar – não aceitar a opção vocacional da filha e doença dos pais, (já citado acima); a sobrecarga de atividades: *“eu vinha sendo muito solicitada como Irmã... ah em diversas atividades pastorais... e... e de comunidade... de formação...e... de certa forma isso me... me sobrecarregou... ...e eu fui me... sendo oprimida... sentido do cansaço, de sobrecarga.. e as pessoas acharem que eu poderia fazer isso, mais*

aquilo, mais aquilo... eu fui me sobrecarregando... e isso ah, com o passar do tempo foi... gerando um certo cansaço... físico, emocional e psíquico, vamos dizer assim. eu... comecei a não... não consegui dar conta..."

O ser humano tem limites. Ninguém caminha sem apoio ou sobrecarregado. O amor à causa não basta; é preciso tempo para respirar, apoio humano, solidariedade e, acima de tudo, um PV integrado. Caso contrário, o afetivo fala mais alto, de acordo com o depoimento, *"minha família, especialmente meus pais... que não estavam bem"*.

Outra categoria que aparece e é relatado por duas jovens, relaciona-se à descoberta da vocação em si; ou seja, as jovens dizem ter descoberto que não era essa sua vocação, a de ser consagrada para a VR.

3) Descobrir que não é a vocação

Entrevistada A: *"e, também acho que descobri que... que não era mais essa minha vocação."* (R. E. ex-aspirante)

B: *"Não permaneci porque, por graça de Deus, consegui discernir que o estado de vida a que Deus me chamou não era a VR"*. (L. R. ex-noviça)

A partir do momento que temos consciência de que, conforme OLIVEIRA (1999, pág. 21) *"a vocação não é algo criado pela pessoa humana..."* mas que *"é Deus quem toma a iniciativa de chamar"*; percebe-se a necessidade de um processo de discernimento vocacional sério, maduro e acompanhado por uma pessoa de confiança, e - porque não dizer - competente. Esse processo é único e é feito por cada pessoa em um tempo determinado e único. A pessoa, à medida que o tempo passa, *"deve apenas responder a esse chamado"*, portanto, *"a vocação é um ato de liberdade. Aquele que chama, deixa sempre espaço para que o vocacionado ou vocacionada abrace ou não seu projeto"*, (cfr. OLIVEIRA, pág. 23).

Dessa forma, a fala das duas jovens está dentro dum processo inerente ao ser humano, que podemos chamar de *"normal"*, dentro do processo de discernimento vocacional. De acordo com OLIVEIRA (1999, pág. 164) *"cada um de nós é chamado a descobrir o modo melhor de viver na comunidade como ser vocacionado"*.

Seguindo com as categorias das entrevistadas, temos outro elemento pertinente nos relatos, agora referente ao período de entrada na Congregação, isto é as jovens, a partir de sua experiência, dizem ter entrado muito novas na Congregação, sem preparo e acompanhamento prévio.

4) Entrar muito nova na Congregação sem preparo e acompanhamento prévio

Entrevistada A: *“Eu acho que um dos principais motivos que eu não fiquei na Congregação foi porque eu entrei muito nova, eu não tinha... nada de experiência assim..._Mas eu acho que o que mais... o que mais me levou a sair assim foi por causa da minha idade. Que eu era muito nova. ”* (U. H. ex-aspirante)

B: *“... eu pensava assim também que... eu fiquei muito tempo assim, eu entrei muito nova, daí eu não tinha vivido muitas coisas... eu queria sa... eu queria viver, eu queria saber como... como era assim, e tinha um medo... eu me achava muito imatura...”* (M. R. ex-postulante)

C: *“... mas tinha gente que entrava lá nua e crua... que não sabia porque tava lá dentro... tu acredita... faltava muito isso... e aí... o que que faziam... atrapalhava às vezes quem tinha vocação...”* (I. G. ex-noviça)

Esses relatos confirmam os dados obtidos em relação à idade de ingresso das jovens na Congregação, quando aparece, conforme a pesquisa, de que 50%, ou seja, 08 das jovens entrevistadas ingressaram na Congregação com idade entre 13 e 15 anos.

Convém dizer aqui, de acordo com ALMEIDA (2007, pág 200), que *“as juventudes, com sua heterogeneidade e dinamismo, com novos tipos de projetos e trajetórias devem ser acompanhados com cuidado e atenção.”* O que dizer do depoimento da jovem sobre a maneira como entrou na Congregação, quando falamos de idade e de preparação? Diz o relato: *“no dia de entrar na Congregação... eu disse que eu não ia... ela disse não eu te... eu disse que não tinha como ir.. ela disse, não, eu te levo... 7hs da manhã apareceu a irmã xxx lá em casa... vamos colocar as malas dentro... colocamos as malas dentro... e fomos”*.

Assim sendo, à medida que o tempo passa e, preferencialmente de acordo com cada pessoa, é importante que possa acontecer o discernimento necessário

para que a pessoa seja feliz e contribua com a transformação da sociedade. Acredita-se que, toda pessoa carrega em si a capacidade de decidir seu rumo e ser feliz; mas, para que isso se torne realidade na vida do jovem e da jovem de hoje, precisa desse apoio físico, emocional, social do outro/a que lhe seja uma referência “segura” a fim de que possa encontrar o seu caminho.

Lançado o olhar sobre essas categorias e os relatos das jovens, no confronto com os autores citados, percebe-se que há um longo caminho a ser percorrido. Existem lacunas que certamente “interromperam sonhos”; há também a deficiência de sonhos por parte das jovens e, acima de tudo, caminhos a serem descobertos. Um destaque especial deve ser dado para a questão do PV, como este é entendido pela acompanhadora e jovem e, ainda, como este vem sendo trabalhado, a partir de quando etc.

Outra questão que faz pensar, refere-se aos motivos, aos sonhos das jovens ao entrar na Congregação. A maioria citou o sonho de “ajudar os mais necessitados...” E, ao falarem do motivo da não permanência, destaca-se: decepção, problema de relações comunitárias, liderança podada... Neste sentido, pergunta-se: a jovem encontrou espaço para ajudar os mais necessitados?

4 CONCLUSÃO/CUIDADOS

Fazer um estudo sobre o problema das não-permanências de jovens, na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, foi um desafio assumido a muito custo, temendo pelos resultados. Contudo, e para surpresa da pesquisadora, foi gratificante fazer esta viagem. O mais animador foi o fato de que abriu horizontes, mostrou verdades e deixou claro de que muito caminho precisa ser percorrido. Acima de tudo, no que diz respeito à instituição “Vida Religiosa Feminina” como um todo e ao processo formativo. É preciso coragem para olhar o ontem, admitir o presente, em vista de um futuro possível e real, que é a VR emergente.

Sonhar, acreditar, ter objetivos, um projeto de vida; eis um ideal de todo ser humano... Tudo isso parece muito bonito aos nossos olhos e faz bem ao coração. Contudo, será essa ainda uma realidade presente no coração de todo ser humano e, mais precisamente, do jovem de nossos dias? E se ele sonha e acredita, ou deixou de sonhar por motivos não revelados, quem “atrapalhou” seu projeto de vida, sua capacidade de sonhar?

Além do mais, o presente estudo mostrou e vem ao encontro do parecer de GÓMES (1999 – pág. 270),

“se a vida consagrada do terceiro milênio quer ter um futuro promissor, com a necessária capacidade de atracção para as novas gerações, tem de olhar à realidade circundante, porque é a esse mundo que tem pela frente que os religiosos são enviados em missão salvífica. O problema é, sem dúvida, muito delicado, mas tem de ser enfrentado com valentia, porque a evangelização perde muito da sua força e eficácia, se não tiver em conta o povo concreto a que se dirige; se não utilizar a sua língua, sinais e símbolos, se não responder às questões que coloca, não chega à sua vida concreta.”

Pôde-se perceber no decorrer deste estudo que o ser humano é um ser que está inserido numa história e o quanto o comportamento individual e social obedece a modelos culturais experienciados e introjetados ao longo da história, ainda que de forma conflitante. É nessa realidade e contextos que o ser humano vai articulando suas escolhas livres, ou não. Ao longo do tempo e dentro de cada contexto. Acima

de tudo, a partir de interesses cada vez mais individuais e seculares, levando o sujeito a ser apenas objeto e deixando de ser sujeito, agente.

A VR como instituição, feita de pessoas concretas e influenciadas, além de influenciáveis, é e sempre foi um conjunto de tradições, regras e regulamentos, acordos, atividades, programas, dentro da estrutura hierárquica, administrativa e jurídica que perpassam a vida milenar da Igreja. Dentro deste contexto, entra o/a jovem de hoje, proveniente de uma instituição que é a família, ocorrendo o confronto necessário e evidente. Ou seja, passa a ocorrer o confronto de sonhos concretos e/ou frágeis diante da instituição em processo de transformação, também continuado, mas, por vezes, mais lento, devido sua complexidade estrutural. O que ocorre é que esta instituição deixa de ajudar o jovem naquilo que lhe é peculiar e deveria ser seu papel como instituição. Conforme LIBÂNIO (2004 - pág. 13), “é necessário despertar o jovem para causas e ideais maiores”.

Escrever isso, além de ser uma necessidade é uma realidade na qual se acredita e pela qual vale a pena sonhar. Mais do que isso: é uma necessidade do ser humano sonhar. Se diante de nós estão as perdas de valores, a carência de entusiasmo pelas grandes causas; a questão é despertar os corações para ideais maiores. É preciso acreditar, porque daí brotará a força e a motivação que nos permitirá crescer e ir além, para frente.

Percebe-se aqui o que ocorre na sociedade num todo. Querendo, ou não, somos influenciados e, conforme DICK (2003 – p. 256), “o grande risco ou o grande desejo é a manipulação do jovem”. Conforme o mesmo autor: “estamos vivendo... um momento de refluxo e de opressão da afirmação juvenil autônoma e protagonista.”

Conforme LIBÂNIO (2004 - pág. 104),

“os analistas consultados, pedagogos e psicólogos, observavam que a geração de 1990 não quer mudar o mundo. O lema é viver bem, muito prazer dentro do capitalismo, respeitando a família e a propriedade. A escola ideal é a que dá liberdade de opinião, que os ouve e respeita.”

Um elemento a ser considerado, sem sombra de dúvida, é sabermos responder ao “para quê me consagrar a Deus hoje”. De forma muito objetiva e pertinente, vale destacar a reflexão de ANJOS (2004 – p. 158),

“a motivação para entrar ou para permanecer na VR não pode ser funcional (uma tarefa, um serviço, uma causa). A opção pela VR, como ‘forma de vida’ diferente, só se justifica por essa adesão incondicional a Jesus Cristo e seu modo de viver. E só se sustenta se for alimentada pela mística da identificação com Jesus Cristo ”

O que se torna sempre mais evidente, é necessário que sejamos capazes de crer que podemos fazer a diferença hoje, lá onde estivermos. Sair do desejo e começar a sonhar, sem interromper os sonhos de ninguém. Pois, afinal, de acordo com COMBLIN (1996, pág. 331)

“a vontade de Deus é fonte da vontade humana mais profunda, mais autêntica. O que Deus quer de uma pessoa é o que essa pessoa sente no nível mais profundo do seu ser... aquilo que queremos no fundo de nós mesmos, ainda que sem fazê-lo, é justamente a vontade de Deus. Esta não é alheia a nosso desejo. Pelo contrário, é nosso desejo mais íntimo e mais pessoal, ainda que estejamos resistindo.”

Na mesma direção vai LIBÂNIO (2004 - pág. 181) que escreve:

“ao lado da fragmentação e da perda dos valores, aninha-se no coração da pós-modernidade uma carência de entusiasmo pelas grandes causas. Elas existem e muitas, mas falam a menos jovens. Está em questão como desperta-los para esses ideais maiores que se manifestam especialmente na defesa dos direitos humanos, na luta contra o armamentismo em prol da paz, na criação de mentalidade ecológica, na rejeição de toda discriminação, especialmente racial, no movimento feminista numa perspectiva de gênero, na exigência da demarcação das terras indígenas, e em tantos outros movimentos que emergem por todas as partes.”

De acordo com CURY (2004 - pág. 111) *“os sonhos, por serem verdadeiros projetos de vida, resgatam nosso prazer de viver e nosso sentido de vida, que representam a felicidade essencial que todos procuramos.”*

Com certeza, precisamos dar-nos conta de que a vida não é apenas o agora, o momento presente. É preciso perceber e acordar para a verdade de que existiu um passado e temos um futuro pela frente. Devemos caminhar hoje, conhecendo o ontem, acordados hoje, e tendo uma perspectiva para o amanhã. Conscientes de que somos seres humanos que vivem em sociedade e não isolados. Segundo CURY (2004, pág. 150) precisamos

“de grandiosos sonhos para enfrentar a vida de peito aberto, se preparar para trabalhar seus medos, vencer suas crises, superar sua passividade e amar os desafios. Assim, escaparão do rol dos frustrados, sairão da sombra dos seus pais e construirão sua própria história.”

Como reflexão ‘final’ e/ou dica para a caminhada, resolvemos aceitar a fala de algumas das jovens entrevistadas e perceber sua realidade e confrontar com toda viagem feita e com a viagem ainda a ser feita.

- *“... na formação tem muito que mudar ainda eu... na minha opinião... tem muito que mudar ainda. Porque é muito.. muito... uummm... é muito desafio. É um período que a gente ta se conhecendo assim... então... muitas Irmãs não... elas querem que a gente teja no processo delas, ou*

que a gente vá do jeito... delas, com a cabeça delas e não é assim, a juventude hoje não é assim né...” (A. A. ex-noviça)

- *“eu já...eu já queria te... te pedido pra saí antes. Só que eu não tinha coragem... porque ah... as Irmãs me ajudaram bastante, principalmente no aspirantado... quando eu morava lá em xxx. E... por conta disso eu me... sei lá... eu me senti na obrigação de não decepciona as Irmãs...” (A. M. ex-noviça)*
- *“a resposta certa eu nem sei dar... o porque, né... mas ah... teve muita... acho que foram momentos de crise, que não foram talvez bem trabalhados... ou até mesmo porque.. na verdade não existia vocação para ser... religiosa dentro da Congregação né,... tem isso também,né que a gente das vezes fala... uhhhmm... inventa um monte de desculpa pra não assumi, ah.. eu não tenho vocação. Sabe, até hoje eu não sei se eu não tenho vocação, sou uma pessoa muito feliz na vocação que eu optei né... mas...” (I. G. ex-noviça)*

Após termos lido e analisado os dados, fica o convite para tomarmos a vida em nossas mãos, descobrindo a grandeza de decidir sobre a própria existência com liberdade, responsabilidade e compromisso. É um convite ao crescimento pessoal e comunitário; um chamado a olhar a realidade na qual vivemos, reconhecendo nela as pegadas do Senhor da Vida e da História, assumindo o conflito e dando respostas transformadoras que façam, dessa realidade, um lugar de “*vida abundante*” (cfr. Jo 10,10).

Acreditar em Bárbara Maix e em tantas outras e outros, ousamos confirmar: eles, um dia, creram e aprenderam o que tantos já haviam, experienciado, isto é, *“...que os sonhos transformam a vida numa grande aventura; não determinam o lugar aonde você vai chegar, mas produzem a força necessária para arrancá-lo do lugar em que você está.” (CURY, 2004 – pág. 137).* E ainda, *“Os sonhos são como uma bússola, indicando os caminhos que seguiremos e as metas que queremos alcançar. São eles que nos impulsionam, nos fortalecem e nos permitem crescer.” (Augusto Cury)*

Muito mais do que indicar caminhos e/ou possibilidades, percebe-se que cada pessoa, ao ler esta realidade, deverá confrontá-la com sua realidade, congregacional e humana, e tirar suas conclusões, isto é, encontrar caminhos para sua realidade e possibilidades de caminhar mais e melhor, em vista da realização humana, pessoal e a realização do projeto de Deus, sonhado pelo próprio Deus.

Dom Eduardo Pinheiro da Silva, bispo responsável pelo Setor Juventude da CNBB, em entrevista à revista ROGATE diz: *“A vocação é um presente de Deus para cada um. Descobri-la e responder a ela positivamente é segredo de felicidade e de sucesso na vida.”* (2007 - p. 07). Chegar aqui é sentir-se apenas começando algo. Hipóteses havia e se confirmaram, contudo, muito mais do que isso, pistas apareceram, acima de tudo, a partir do sujeito que fala de sua experiência. Mesmo assim, vão algumas dicas:

- não ter pressa em acolher as jovens para as casas de formação, pois se corre o risco de que “percam” a vocação;

- dar oportunidade, espaço e tempo para as jovens conhecerem a VR e Congregação antes de ingressar;

- acreditar na jovem e deixá-la ser sujeito e protagonista da própria vida em comunhão com o projeto congregacional;

- que a jovem tenha iniciado o Projeto de Vida ao ingressar na Congregação;

- a VRC precisa ficar atenta à essência para não se perder em exigências periféricas de muitos tipos.

Acima de tudo *“precisamos crescer na confiança em relação aos jovens e buscar cada vez mais ouvir Deus, através deles.”*

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, M. I. M. de e EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro. Jorge ZAHAR Editor. 2006. 239 p.

ANJOS, Márcio F. dos. (org). *Novas Gerações e Vida Religiosa*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2004. 168 p.

ANJOS, Márcio F. dos. *Para onde vamos? – leitura teológica – quadro programático / triênio 2004/2007*. Publicações CRB. 84 p.

BAVEL. T. J. Van. *O núcleo da Vida Religiosa – tensão evangélica, impulso da sociedade*. Petrópolis, Editora Vozes Ltda. 1978. 191 p.

BORAN, J. *Numa perspectiva pastoral: A realidade da juventude latino-americana sob o ponto de vista social, econômico e cultural*. In PJ a caminho. Instituto de Pastoral de Juventude – Edição Especial – n 98 – setembro a outubro de 2005, p. 07-26

BRENNAN, M. *Clausura: A institucionalização da invisibilidade das mulheres nas comunidades eclesíásticas*. *Concilium* 202 (1985/6), Petrópolis, Ed. Vozes.

CASTRO. L. R. de e CORREA J. *Juventude contemporânea – perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro, editora NAU. 2005.

CIDADANIA, Instituto. *Projeto Juventude*. Documento de conclusão. Versão final. 2004. p. 09-18.

CODINA, V., e ZEVALLOS, N. *Vida Religiosa: História e Teologia*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1987. 203 p.

COMBLIN, J. *Cristãos rumo ao século XXI – nova caminhada de libertação*. São Paulo. Paulus, 1996. 375 p.

CUNHA, Ignez. *Taca aberta*. Porto Alegre. Ética Impressora Ltda. 1982. 71 p.

CURY, Augusto. *Nunca desista de seus sonhos*. Rio de Janeiro. Sextante, 2004. 160 p.

DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes - jovens construindo juventude na História*. Edições Loyola, São Paulo. 2003. 307 p.

DREHER, Martin N. “A Igreja no Rio Grande do Sul no século XX” In: *Refundação da VRC: buscar as raízes e arriscar o futuro!* CRB/RS, brochura nº 07, 2006.

FAGOT, C. M. *Promoção vocacional e vida religiosa*. In PJ a caminho. Instituto de Pastoral de Juventude – Edição Especial – n 98 – setembro a outubro de 2005, p. 125-136

GÓMES, Jesús Álvares, cmf. *Vida Consagrada para o terceiro milênio – da renovação à refundação*. São Paulo. Paulus, 2000. 287 p.

GUARESCHI, P. in publicações CRB/RS. *História da Vida Religiosa no Rio Grande do Sul: Celebrando o Jubileu*. Porto Alegre. Editoração e composição: Suliani Editografia Ltda, 2007. 271 p.

LIBÂNIO, J. B. *Jovens em Tempo de Pós-modernidade – considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo. Edições Loyola, 2004. 242 p.

MINAYO, M. C. S.: *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hubetec/Abrasco, 1994.

OLIVEIRA. L. M. de. *Teologia da vocação – temas fundamentais*. São Paulo. Edições Loyola, 1999. 175 p.

PEREIRA. W. C. Castilhos. *Subjetividade na pós-modernidade: motivações, desejos, sonhos*. In Revista Convergência, publicações CRB. Março 2007. Ano XLII. nº 400

PILONETO, A. in publicações CRB/RS. *História da Vida Religiosa no Rio Grande do Sul: Celebrando o Jubileu*. Porto Alegre. Editoração e composição: Suliani Editografia Ltda, 2007. 271 p.

PJ a caminho. Revista: *Olhares e Horizontes de Esperança - a dimensão vocacional da Juventude na América Latina*. IPJ – edição especial – nº 98 /set a out de 2005. 136 p.

PRADO. F. *Aonde o Senhor nos levar*. São Paulo: Paulinas, 2006

TEIXEIRA, C. L. (org.) *Marcando História – elementos para construir um projeto de vida*. São Paulo. CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2005. 56 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALPIZAR, Lydia e BERNAL, Marina. *A construção social da juventude*. In: Mulheres Jovens e Direitos Humanos. Manual de capacitação em Direitos humanos das mulheres jovens e a aplicação da CEDAW. Ed. Brasileira. 2004. p. 21-32

AZEVEDO. M. de C. *Os Religiosos, vocação e missão – um enfoque exigente e atual*. Rio de Janeiro. Publicações CRB/ 1982. 154 p.

BORTOLUZZI, O. C. *Documentário - Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria*. Porto Alegre, 2ª edição. 1996. 707 p.

BOFF. L. *Saber Cuidar – Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 199 p.

CRB. Equipe de Reflexão Psicológica. *Desafios Contemporâneos à Vida Religiosa*. Publicações CRB, Rio de Janeiro. 2004. 124 p.

CRB/Regional-RS. *História da Vida Religiosa no Rio Grande do Sul – Celebrando o Jubileu*. Publicações CRB, RS. 2007. 271 p.

FORACHI, Marialice M. *A Juventude na sociedade Moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 148 p.

FURLIN, Neiva (org). *Novas Gerações e Vida Religiosa*. Publicações CRB/2006. Rio de Janeiro. 156 p.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude e Modernidade; Passagens para a modernidade e a criação das juventudes – A ação das instituições sociais; e A ação dos grupos juvenis*, in *Juventude – Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEI. 2000.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens*, 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIBÂNIO, J. B. *A arte de formar-se*. Coleção CES. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA. L. M. de. *Qual o sentido da vocação e da missão?* São Paulo. Paulus, 2006. 92 p.

ORIONITA, A. A. da S., et ali. *Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil*. In: Publicações CRB/XV AGO/1989. Rio de Janeiro. 225 p.

PEREIRA, W. C. Castilhos. *A Formação Religiosa em questão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 311 p.

SILVA, E. P. da. *A importância de acreditar e valorizar os jovens*. In Revista Rogate de animação vocacional. Ano XXVI – n 257 – novembro 2007, p. 03-07

TOFFLER, A., *O Choque do Futuro*, livros do Brasil, Lisboa. Editora Record, 2ª edição. 1970.

VALLE, Edenio (org). *Memória Histórica – As lições de uma caminhada de 50 anos de CRB – 1954 a 2004*. Publicações CRB. Rio de Janeiro. 2004. 217 p.

ZAMBERLAM, J. et ali. *Desafios das Migrações para a Igreja no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Copiasul, 2007. 48 p.

ANEXOS

ANEXO 01

QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

1. NOME fictício:
2. Data de nascimento:
3. Local de origem: () rural () urbana () periferia
4. Situação econômica da família na época do ingresso? () boa () má () ótima () ruim
5. Com que idade ingressou na primeira etapa de formação para a VR?
6. Quanto tempo permaneceu: (colocar em forma de números no parênteses)
() aspirantado () meses () anos
() postulado () meses () anos
() noviciado () meses () anos
() consagrada () meses () anos
7. Que experiência pastoral e comunitária tinha antes de ingressar? (Descreva rapidamente)

8. Qual o sonho que você tinha ao escolher a Vida Religiosa?

9. Ao sair, retornou para casa dos pais: () sim () não

10. O que faz atualmente? _____

11. No seu tempo de permanência trabalhou-se o Projeto de Vida? () sim () não

Se “sim”, o que significou?

12. Como é encarado o Projeto de Vida das pessoas pela Congregação?

13. Porque você não permaneceu na Congregação? (resposta gravada)

ANEXO 02

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Casa da Juventude Pe. Burnier

Especialização em Adolescência e Juventude Contemporânea

Ilmo(a) Sr(a):

Venho respeitosamente, através do presente, solicitar sua colaboração no sentido de participar da pesquisa que será por mim desenvolvida para construção da minha monografia de conclusão de curso. Sou aluna regular do curso de especialização em adolescência e juventude contemporânea da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Goiânia.

O objetivo do trabalho é que através de entrevistas com jovens, ex-vocacionadas da Congregação e outras ex-religiosas, possa colher subsídios para o meu estudo, cujo tema é “As desistências das jovens que estavam na Congregação”.

Asseguro o compromisso com a ética e o sigilo neste trabalho, respeitando privacidade e valores de cada entrevistada.

Responsável pelo trabalho: Dalia Löff

Casa da Juventude Pe. Burnier

Consentimento Livre e Esclarecido do Participante

Pelo presente consentimento livre e esclarecido, declaro que fui informada, de forma clara, dos objetivos, e da forma de trabalho através de entrevista escrita e gravada. Fui igualmente informada:

- Da garantia de requerer resposta a qualquer pergunta ou dúvida, relacionadas ao trabalho;
- Da segurança de que não serei identificada e que se manterá caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade;
- De que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término do trabalho.

Assinatura da participante